

Reportagem Especial

PROSTITUIÇÃO INFANTIL

408534 1

Meninas cobram R\$ 5 por programa

Polícia investiga casos em que crianças e adolescentes fazem sexo para comprar drogas ou a mando de parentes

Isaac Ribeiro

Em busca de dinheiro para sustentar o vício nas drogas, para ampliar o orçamento familiar e, muitas vezes, obrigadas pelos pais, meninas vendem o corpo por R\$ 5 na Grande Vitória.

Na Serra, a Polícia Militar destacou o bairro Jardim Limoeiro como ponto de prostituição infantil. Em Vila Velha, o crime acontece na orla de Itaparica, Itapoã e ainda da Praia da Costa.

Já em Vitória, o subsecretário da Guarda Civil Municipal, José Gomes Rodrigues, informou que meninas em situação de exploração sexual são abordadas com fre-

quência no final da orla de Camburi, na avenida Dante Michelini, assim como em hotéis na Ilha do Príncipe e na Vila Rubim.

Em Cariacica, no bairro Jardim América, uma menina de 13 anos foi flagrada por policiais militares ao praticar sexo oral em um serralheiro de 25 anos atrás de um dos pilares da Segunda Ponte.

O acusado foi preso, autuado por exploração sexual e confessou que pagaria R\$ 5 a ela. O fato aconteceu em junho deste ano.

Na Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente (DPCA), a menor alegou que começou a usar crack um mês antes e já havia duas semanas que fazia programas para sustentar o vício. Revelou ainda que sua mãe também era viciada e morava nas ruas.

O delegado Marcelo Nolasco, titular da DPCA, fez um alerta: "Será punido quem explorar essa prostituição infantil, seja intermediando, aferindo os lucros ou usando desse serviço, neste caso, o cliente".

ENTREVISTA GAROTA DE PROGRAMA

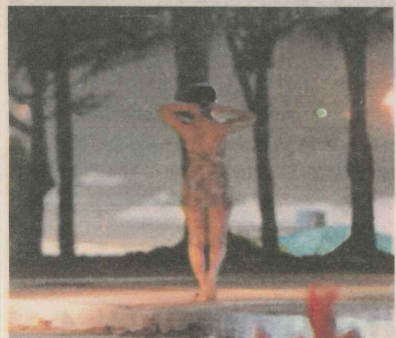
"Minha mãe me mata"

Depois de esperar por 15 minutos quatro garotas de programa conversar com clientes na orla de Itaparica, em Vila Velha, a reportagem de A Tribuna abordou as meninas. Preocupadas em serem descobertas pela família, elas se afastaram e somente uma aceitou dar entrevista.

"Se minha mãe souber que faço programa, ela me mata. Só vou responder o que não for me complicar", diz a garota, que aparenta ter 16 anos e usava vestido curto.

Em uma hora em que a reportagem permaneceu na orla, duas das colegas dela saíram para fazer programas. Uma foi para um motel da região, na garupa de uma moto, sem capacete, e a outra de táxi.

A TRIBUNA — Qual sua idade?
GAROTA DE PROGRAMA — Tenho 19 anos. Quer ver minha car-



JOVEM faz programa por R\$ 100

“Depende do cliente. Tem noite que a gente não leva nada e outras que vamos embora felizes”

Garota de programa

teira de identidade? (Ela tira o documento do sutiã)

> **Você não acha essa vida perigosa?**

Não. Eu e minhas amigas nos divertimos muito aqui. Só tenho medo da minha família. Se minha mãe souber que estou aqui fazendo programa, ela me mata. A mãe das minhas amigas também.

> **Como são os programas?**

Você vai querer fazer um? Gostou do meu vestido? Combina com a calcinha (risos). Falando sério, a gente cobra entre R\$ 100 e R\$ 150. Depende do esquema.

> **Qual esquema?**

Do que o cliente vai querer. Tem noite que a gente não leva nada e outras que vamos embora felizes.

> **O que os clientes mais querem?**

Safadeza (risos)

> **Por que escolheu ser garota de programa?**

Porque eu preciso de dinheiro. (Ela sai para atender um cliente)



GAROTAS DE PROGRAMA na orla de Itaparica: entre elas há menores em busca de dinheiro para comprar drogas

Caminhoneiro é quem mais paga

Quando se trata de exploração sexual infantil nas rodovias federais que cortam o Estado, os caminhoneiros são os maiores clientes das meninas. Elas circulam principalmente em postos de combustíveis, bares e boates.

As informações constam em um mapeamento feito pela Polícia Rodoviária Federal (PRF) em parceria com a Secretaria Especial dos Direitos Humanos, a Organização Internacional de Trabalho e a Childhood Brasil.

O estudo revelou que o Espírito Santo tem 48 pontos vulneráveis à exploração sexual de crianças e adolescentes.

Desse total, 31 são de nível crítico — a maioria deles localizado próximo a postos de combustíveis, na região Norte, entre as cidades de João Neiva e Pedro Canário.

O inspetor da PRF Alexander Valdo Lemos lembrou a prisão de um caminhoneiro que foi flagrado fazendo sexo com uma adolescente dentro do veículo que es-

tava parado na BR-262, em Vila Capixaba, Cariacica.

"A malha viária que corta o Estado é extensa. Quando identificada a exploração, o acusado é preso. Os caminhoneiros são os que mais utilizam o serviço", disse Lemos.

Em um posto na BR-262, Viana, um caminhoneiro de 28 anos, que não quis se identificar, disse que é constantemente abordado por meninas. "Elas oferecem o serviço e, como a carne é fraca, a gente acaba aceitando a oferta", revelou.

CASOS

Estudante deixou escola para fazer sexo

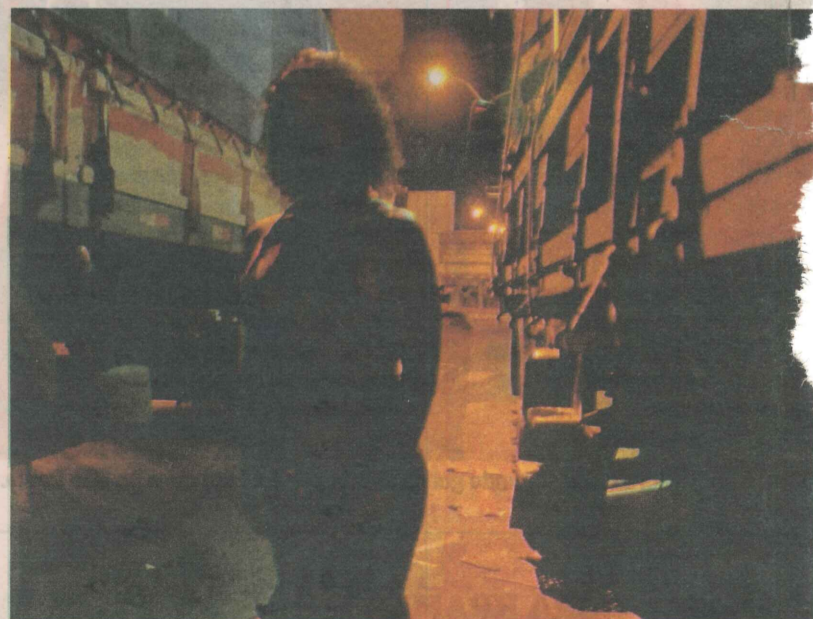
Uma estudante de 11 anos fugiu da escola em Jardim da Penha, Vitória, depois que integrantes do Conselho Tutelar da capital passaram a investigá-la sob a suspeita de que ela estava fazendo programas sob a orientação de uma tia com quem morava.

"A informação que nós tínhamos dava conta de que a criança era aliciada pela tia. Até o rendimento dela na escola caiu. Desconfiada, a tia fugiu com a menina para o Norte do Estado", disse a conselheira Rosenita Pereira.

Prostituição após abandono da mãe

No morro do Romão, em Vitória, uma menina de 10 anos começou a se prostituir em troca de drogas depois que a mãe se casou pela segunda vez, teve outra filha e deixou a menina mais velha com a avó materna.

"Ela ficou revoltada com a rejeição. Até serviços de 'aviãozinho' no tráfico ela fazia. Lamentável", disse Rosenita Pereira.



Travesti e vendedor de roupas

Travesti há mais de 20 anos, Carlota Shifer, 37, faz programas sexuais com caminhoneiros em um posto de combustíveis que fica na BR-262, em Viana, duas vezes por semana. Nos demais dias da semana, prefere ficar em casa, com a família. Carlota mora no mesmo município, onde também trabalha como vendedor de roupas.

"Tenho como meta faturar R\$ 100 por noite. Nesses anos, conquistei cinco clientes fixos, todos caminhoneiros. Quando vão passar por aqui, eles ligam querendo me encontrar. Os programas variam entre R\$ 15 e R\$ 30".

Reportagem Especial

PROSTITUIÇÃO INFANTIL

AS02534-2

Mãe dá casa para a filha fazer sexo e vender droga

Incentivando a filha de 17 anos a fazer programas sexuais, uma dona de casa entregou uma das residências da família, em Vila Bethânia, Viana, para que a adolescente atendesse seus clientes no próprio imóvel.

Ela agia acompanhada de uma amiga, que tem 14 anos. O caso foi descoberto no dia 29 do mês passado por policiais da Delegacia de Tóxicos e Entorpecentes (Deten). Os policiais civis foram ao local investigar uma denúncia anônima, de que no imóvel funcionaria uma boca de fumo.

Ao chegarem ao endereço, pela manhã, os investigadores abordaram as menores. Elas estavam sozinhas em casa e na mesa da sala a polícia achou uma bucha de maconha. Em um dos quartos, em cima da cama, havia quatro pedras de crack e um papelote de cocaína.

“Durante o programa, elas usa-

vam as drogas com os clientes. Além de cobrar entre R\$ 100 e R\$ 150 pelo sexo, elas adicionavam o valor da droga ao preço final do programa. Isso é considerado tráfico de drogas”, salientou o delegado Lorenzo Pazolini, da Deten.

As meninas relataram à polícia que compravam os entorpecentes no Bairro da Penha, em Vitória. Na busca de clientes, a dupla circulava em shoppings, praias e em festas.

“Elas deram detalhes até das roupas que usavam durante os programas, que também eram fei-

“Há indícios de que parte do dinheiro obtido com os programas era revertido na renda familiar”

Delegado Lorenzo Pazolini

tos em motéis e em carros”, disse.

A mãe da adolescente de 17 anos mora a poucos metros da casa que era ocupada pela filha. Na Deten, segundo o delegado, a mulher criticou o trabalho da polícia e considerou “normal” o fato da filha usar drogas e fazer programas.

“O que nos chamou a atenção foi o fato das mães das menores acharem normal a atitude das meninas. A mãe da mais velha disse que a polícia não tinha que se intrometer na vida da filha. Há indícios de que parte do dinheiro obtido com os programas era revertido na renda familiar”, analisou.

As meninas até confessaram que faziam programas, mas negaram a venda de drogas. A dupla foi autuada por tráfico e associação para o tráfico de drogas pelo delegado Lorenzo Pazolini e encaminhadas à Unidade Feminina de Internação (UFI), em Cariacica.



O DELEGADO Lorenzo Pazolini autuou garotas de programa por tráfico



LEONARDO BICALHO/AT

GAROTA conversa com cliente, enquanto travestis aguardam por programa

Câmeras na orla de Vila Velha não inibem prostituição

As câmeras na orla de Itaparica, Itapoã e Praia da Costa, em Vila Velha, não inibem a presença de garotas de programa e travestis em frente a quiosques e hotéis.

“As câmeras não nos atrapalham de forma alguma. A gente não vai deixar de trabalhar por causa disso. Está tudo dominado”, comentou uma das meninas.

O secretário de Defesa Social de Vila Velha, coronel José Paulo Barcelos, explicou que quando o controlador da câmera, na central de monitoramento, suspeita que a garota de programa é menor de idade, logo comunica o fato ao Juizado da Infância e da Juventude.

“A gente sabe que não inibe. Elas são desinibidas, não têm medo. Na maioria das vezes, quando as abordamos, elas mostram documentos que comprovam a maioridade”, disse o coronel.

Por meio da assessoria, a Polícia Militar informou que não tem um trabalho específico de combate à exploração sexual infantil.

ANTONIO MOREIRA - 17/01/2009



CÂMERA para flagrar crimes

Meninas e travestis trabalham juntos em praia

Diferente do que costuma acontecer em trechos das avenidas ante Michelin e Adalberto Siano Nader, em Vitória, e na avenida Carlos Lindenberg, em Vila Velha, travestis e garotas de programa trabalham juntas na orla de Itaparica.

O fato também foi constatado pela reportagem de A Tribuna em trechos da BR-262, em Campo Grande, Cariacica, e em postos de combustíveis ao longo da mesma rodovia, mas em Viana.

Maquiados, com roupas curtas e sapatos de salto alto, três travestis se uniram a um grupo de meninas na orla de Itaparica às 23h40 da última quinta-feira. Elas já estavam no local desde às 19 horas.

Cumprimentando todas elas, os travestis mostraram que já eram conhecidos das garotas.

Questionadas, elas respondem que os “colegas de noite animam e colorem o ambiente”.

“Aqui tem espaço para todo mundo, mas eles não ficam a noite toda com a gente. Conversamos,

fumamos um cigarro juntos, falamos dos bofes e depois eles vão para outros pontos”, explicou uma garota de programa, que confessou ter 17 anos.

Travesti há cerca de cinco meses, desde que perdeu o emprego em uma lanchonete, o jovem que se identificou como Suzy Ferrari, 20, disse que costuma ficar em um ponto onde atuam somente travestis porque o público alvo deles é diferente.

PÚBLICO

“Não vemos problema nenhum em trabalhar junto das meninas. No entanto, como sabemos que o público é diferente, preferimos ficar somente entre travestis. Dessa forma, podemos conseguir mais programas e dinheiro”, analisou.

Depois de ficarem com as garotas de programa por cerca de 10 minutos, os travestis foram embora do trecho da orla. “Vamos ficar perto dos motéis. Com esse monte de mulher, não vamos ganhar um real”, brincou um travesti.

Violentadas na família

“Nos relatos que ouço, as meninas que se prostituem geralmente alegam que sofreram algum tipo de violência ou abuso sexual quando eram crianças”.

A declaração é da juíza Janete Pantaleão, titular da 2ª Vara da Infância e da Juventude da Serra.

A magistrada disse que os comissários entram em ação quando recebem a informação de que existem crianças e adolescentes envolvidos em exploração sexual. Ela ressaltou que o trabalho é iniciado a partir de denúncias.

Inicialmente, é feita a abordagem da adolescente no local indicado pela denúncia e, em seguida, a família da menina é reunida na tentativa de descobrir os motivos que a fizeram ir para a rua.

“Uma menina foi abusada aos 12 anos dentro de casa e anos depois virou garota de programa. Quando tinha 17, enquanto fazia um programa sexual, foi gravemente espancada por um cliente. Além de tudo, disse que ainda era viciada em drogas”, contou a juíza.

Ela pontuou ainda que a família

dessas adolescentes, muitas vezes, são desestruturadas e não dão a atenção que as meninas merecem.

Na avaliação de Janete Pantaleão, as menores são vítimas e não vendem o corpo somente em busca de ganhos financeiros.

“Elas se sentem menosprezadas e, com a autoestima tão baixa, se prostituem por uma pedra de crack ou uma cerveja. Quando se vendem, é porque já estão se sentindo fracassadas”, analisou.

LEONARDO BICALHO - 04/05/2010



JANETE Pantaleão: menosprezadas

ANÁLISE

“Elas se transformam em mera mercadoria”

“São muitos os fatores que levam as adolescentes a se prostituírem. A maioria delas ingressa nessa vida para sustentar o vício nas drogas. Outras vendem o corpo em troca de entorpecente ou da quantia necessária para a compra.

Há também casos de prostituição em que os pais ou responsáveis pela criança são os acusados. Eles começam dando um doce ou uma moeda em troca de favores sexuais. Quem deveria proteger, abusa da criança. Sem saber, ela começa a se prostituir de forma inocente.

Alexandra Maria Roman, psicóloga e especialista em violência doméstica

Às vezes, a família é a maior beneficiada com a exploração sexual porque a atividade da criança sustenta a casa. O mais difícil de trabalhar com essa exploração é que as crianças não se veem exploradas. É como se elas tivessem fazendo algo natural e não tivessem alternativa de mudar de vida.

Na verdade, elas nem percebem que se transformaram em mera mercadoria. Os programas sociais têm a função de oferecer outra alternativa e intervir junto às famílias, dando chance de escolha”.